

# NÚCLEO DE ALFABETIZAÇÃO HUMANIZADORA (NAHUM): REFLEXÕES SOBRE O ATO DE LER E O ATO DE ESCREVER

NÚCLEO DE ALFABETIZAÇÃO HUMANIZADORA (NAHUM): REFLECTIONS ON THE ACT OF  
READING AND THE ACT OF WRITING

**Mara Cristina Oliveira Rodrigues**

Universidade Federal de Uberlândia  
maracristiorodrigues@gmail.com

**Rafaela Emily Tadeu de Araújo**

Universidade Federal de Uberlândia  
rafaelaemily31@gmail.com

**Fernanda Duarte Araújo Silva**

Universidade Federal de Uberlândia  
fernandaduarte@ufu.br

## RESUMO

O presente artigo decorre de estudos realizados no âmbito da disciplina Alfabetização e Literatura para Crianças: conceitos e práticas, ministrada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/FACED/UFU). O objetivo é analisar os princípios do Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum) e discutir possíveis contribuições dos boletins publicados por este Núcleo, para o ensino do ato de ler e do ato de escrever. A metodologia utilizada sustenta-se na abordagem qualitativa, a partir de uma pesquisa bibliográfica. Além disso, busca nos estudos desenvolvidos por Arena (2010; 2021a; 2021b; 2021c), Arena e Arena (2024), Bajard (2012, 2014, 2021), Bajard e Arena (2015), Miller (2020; 2021), entre outros, aporte teórico para abordar a Alfabetização Humanizadora. Os resultados indicam que o NAHum promove discussões significativas e contribuições para ampliar as reflexões teóricas e demonstrações práticas relacionadas à Alfabetização Humanizadora, com destaque para os boletins divulgados no **site** desse Núcleo.

**Palavras-chave:** Alfabetização Humanizadora. NAHum. Ato de ler. Ato de escrever. Boletins.

## ABSTRACT

This article stems from studies carried out as part of the subject Literacy and Literature for Children: concepts and practices, taught in the Postgraduate Program in Education at the Faculty of Education of the Federal University of Uberlândia (PPGED/FACED/UFU). The aim is to analyse the principles of the Humanizing Literacy Nucleus (NAHum) and discuss the possible contributions of the bulletins published by this Nucleus to the teaching of reading and writing. The methodology used is based on a qualitative approach, based on bibliographical research. In addition, it searches the studies developed by Arena (2010; 2021a; 2021b; 2021c), Arena and Arena (2024), Bajard (2012, 2014, 2021), Bajard and Arena (2015), Miller (2020; 2021), among others, for theoretical support to approach Humanizing Literacy. The results indicate that NAHum promotes significant discussions and contributions to broaden theoretical reflections and practical demonstrations related to Humanizing Literacy, with emphasis on the bulletins published on the NAHum website.

**Keywords:** Humanizing Literacy. NAHum. The act of reading. The act of writing. Newsletters.

## Palavras iniciais

*A maior riqueza do homem é sua incompletude. Nesse ponto sou abastado. Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito. Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. Perdoai. Mas eu preciso ser Outros. Eu penso renovar o homem usando borboletas (Barros, 2022, p. 79).*

O presente estudo resulta da vivência discente no âmbito da disciplina Alfabetização e Literatura para crianças: conceitos e práticas, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED/FACED/UFU). Tem-se como objetivo analisar os princípios do Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum) e discutir possíveis contribuições dos boletins publicados por este Núcleo, para o ensino do ato de ler e do ato de escrever, enquanto atos culturais, históricos e sociais vinculados à vida.

Trata-se de uma investigação de abordagem qualitativa, desenvolvida a partir da pesquisa bibliográfica. Entende-se que a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador ter acesso a estudos já realizados e assim, fornecer dados atuais e relevantes sobre um determinado tema. Para Lakatos; Marconi (2003, p. 183) “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

Segundo Gil (2002) a pesquisa bibliográfica envolve o desenvolvimento de algumas etapas. Nesse sentido, considera que a primeira etapa seja a escolha do tema e do levantamento bibliográfico preliminar. Em seguida tem-se a formulação do problema e a sua delimitação. A terceira etapa consiste na leitura do material, de modo a garantir a coleta de dados e sua organização. Dessa maneira, o autor propõe a leitura exploratória e a seletiva antes da leitura analítica. Diante disso, aponta que “a finalidade da leitura analítica é a de ordenar e resumir as informações contidas nas fontes, de forma que estas possibilitem a obtenção de respostas ao problema da pesquisa” (Gil, 2002, p. 78). Além disso, menciona a leitura interpretativa como a última etapa do processo de leitura, cujo objetivo é relacionar o que o autor afirma com o problema em questão e propor uma solução, ou seja, o pesquisador vai além dos dados e efetiva uma ligação com outros conhecimentos.

Nesta perspectiva, busca-se analisar os princípios do Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum) e com isso, discutir possíveis contribuições presentes nos boletins publicados por este Núcleo, para o ensino do ato de ler e do ato de escrever. Desse modo, este estudo representa uma possibilidade de se ter uma visão do que tem sido “[...] produzido na área [...], bem como suas características e foco, além de identificar as lacunas ainda existentes” (Romanowki; Ens, 2006, p. 41).

Para abordar a presente temática da Alfabetização Humanizadora, centrou-se em estudos desenvolvidos por Arena (2010; 2021a; 2021b; 2021c), Arena e Arena (2024), Bajard (2012, 2014, 2021), Bajard e Arena (2015), Miller (2020; 2021), entre outros.

Na obra *Alfabetização Humanizadora: princípios e funções de caracteres*, Arena e Arena (2024) mencionam o Manifesto: por uma Alfabetização Humanizadora não-excludente e culturalmente diversa. Neste Manifesto encontram-se 16 princípios e argumentos, que dão suporte e orientam as práticas pedagógicas que envolvem a Alfabetização Humanizadora. Entre esses princípios evidencia-se que essa perspectiva não-excludente e culturalmente diversa elege a linguagem escrita, ou seja, “[...] os caracteres, os sentidos compartilhados com a linguagem oral, os gêneros dos enunciados a figura do outro nas relações com a escrita, a cultura da vida na escola, e, sobretudo, os atos humanos com a escrita, manifestados objetivamente nos atos de ler e de escrever” (Arena; Arena, 2024, p. 13).

Com isso, torna-se necessário criar “[...] espaço de resistência contra a brutalidade da desumanização escancarada em políticas, planos e métodos, concretizados em livros, cartilhas e apostilas [...]”, bem como ousar e sugerir “as professoras e aos professores que ouçam e considerem as vozes das crianças, o que dizem e que gestos fazem. Essas vozes, pouco ouvidas, podem ajudá-las a encontrar bons caminhos” (Arena; Arena, 2024, p. 11 - 12).

As palavras de Manoel de Barros inspiram-nos a criar brechas para resistir a desumanização dos processos pautados no ensino mecânico, pois a apropriação do ato de ler e do ato de escrever decorre da linguagem escrita, da cultura e dos enunciados vivos, visto que o outro nos constituem. Nessa perspectiva, Bajard e Arena (2015, p. 260) enfatizam que “em vez de ensinar para a criança a língua como sistema abstrato fora das relações humanas [...], a escola poderia ensinar os atos do mundo da vida, os atos de escrever e os de ler encharcados de pensamentos e valores do Outro”. Com isso, os autores afirmam que,

Os valores impregnados nas palavras escritas, nos signos verbais gráficos, também constituintes dos pensamentos do Outro, batem-se com e contra os signos de quem aprende a escrever e a ler, no processo de formação da consciência. As palavras de um rolam em direção às palavras do outro, se friccionam umas às outras, se repelem, se estranham, se misturam, se reformam; são recriadas, renascidas e ressignificadas; se alimentam de vida, são transformadas pela consciência de cada um, em novos atos sempre únicos, porque autônomos (Bajard; Arena, 2015, p. 260).

Desse modo, constituiu-se no ano de 2020 o Núcleo de Alfabetização Humanizadora. Este Núcleo foi criado por um grupo de educadores preocupados com o processo de apropriação da linguagem escrita pelas crianças. O Núcleo defende que a Alfabetização Humanizadora é “[...] parte de um processo humanizador de educação para todos, um processo que promove a transformação qualitativa da conduta dos alunos, tanto na escola como na vida [...]” (Miller, 2021, p. 2). Além disso, conta com fundamentos e contribuições teóricas de autores como Volóchinov, Medvedev, Bakhtin, Vigostki, entre outros.

Dessa forma, analisar os princípios do NAHum, remete-nos, a pensar nas especificidades do ato de ler e do ato de escrever, tendo a criança como sujeito histórico-cultural, um ser humano que constrói conhecimentos e como tal faz parte de um importante movimento que envolve apropriação da cultura, da linguagem escrita e dos enunciados reais. Nesta perspectiva, destaca-se a importância de

Olhar a infância, do ponto de vista da formação por etapas da consciência e da personalidade [...], olhar o processo de humanização como processo de educação e olhar a escola da infância como espaço do encontro de muitas crianças – de mesma e de diferentes idades -, e como o lugar da organização intencional por parte dos professores e professoras para a apropriação máxima, por cada criança, das máximas qualidades humanas formadas historicamente e socialmente, nos comprometem com uma oposição segura a todas as formas de aceleração artificial do desenvolvimento psíquico e com a necessidade de elaboração de um projeto pedagógico que amplie e enriqueça esse desenvolvimento (Mello, 2007, p. 99).

Com intuito de produzir conhecimento científico acerca do ato de ler e do ato de escrever a partir do NAHum e dos boletins publicados por este Núcleo, apresenta-se a seguinte questão: Como as produções publicadas pelo NAHum abordam o ato de ler e o ato de escrever? Essa indagação mobiliza-nos a refletir sobre a Alfabetização Humanizadora.

Ao aprender como os homens trocam cultura, como dialogam pelos enunciados da linguagem escrita, as crianças, com o estatuto de sujeitos ativos nessas trocas, ao se apropriarem desses enunciados, humanizam-se. O porto de chegada não é, por essa razão, a própria apropriação, a própria alfabetização, mas a humanização por meio dela cotidianamente construída. A alfabetização não é também ponte entre a criança e a humanização, porque encarna em si mesma o próprio desenvolvimento humanizador (Arena; Arena, 2024, p. 11).

Assim sendo, na próxima subseção apresenta-se breves reflexões sobre o ato de ler e o ato de escrever na perspectiva da Alfabetização Humanizadora.

## **O ato de ler e o ato de escrever na perspectiva da Alfabetização Humanizadora: breves reflexões**

A partir dos princípios da Alfabetização Humanizadora defendidos por Arena (2010; 2021a; 2021b; 2021c), Arena e Arena (2024), Bajard (2012, 2014, 2021), Bajard e Arena (2015), Miller (2020; 2021), Mello (2007, 2021, 2024) e da Psicologia Histórico-Cultural buscou-se abordar os conceitos do ato de ler e do ato de escrever, enquanto atos culturais, históricos e sociais vinculados à vida.

O ato de ler constitui-se numa maneira de apropriar-se da cultura humana, que ultrapassa à mera decodificação das letras ou palavras do sistema linguístico. Para Arena (2010, p. 242) ler é

[...] a ação de atribuir sentido por meio de sinais gráficos, em situações elaboradas pela cultura humana. Essas atitudes, constituintes do entorno, são vitais para a formação do leitor e são desenvolvidas nas relações com os gêneros enunciativos porque são as relações culturais que orientam os modos de ler. É importante entender que ensinar o sistema linguístico não é ensinar a ler; ensinar a ler é ensinar as próprias práticas sociais e culturais que exigem o domínio desse sistema.

Diante disso, tem-se a necessidade de que as crianças tenham acesso ao meio constituído pela cultura e pelas relações entre os pares, pois a linguagem antes de ser um instrumento de comunicação, envolve a formação do pensamento. Segundo Bajard (2012, p. 49) ler é

Tomar conhecimento de um texto gráfico. Ato de compreensão (individual e silencioso, por ser visual) efetuado sobre um texto gráfico, distinto da compreensão, efetuada mediante a escuta do texto. Consequentemente, apenas o texto desconhecido pode suscitar a totalidade das operações necessárias à sua compreensão.

Nesse sentido, o autor destaca a sessão de mediação literária, que favorece não apenas a escuta do texto de literatura, mas também o acesso ao livro. Assim, a partir dessa experiência literária, a escuta e a aproximação visual, a criança percebe que a narrativa se expressa por meio de três matérias: a imagem, o texto escutado e o texto gráfico. Bajard (2012) entende que nesse movimento os primeiros saberes sobre a escrita são instalados e, assim, eles se multiplicam e favorecem a descoberta dos códigos da escrita, isto é a alfabetização.

Arena (2010, p. 242 - 243) considera que “[...] aprender a ler é necessário para a transformação contínua, progressiva, para um modo cada vez mais abstrato e profundo de pensar, que somente a relação com essa tecnologia chamada escrita pode proporcionar ao homem”. Além disso, enfatiza que “a leitura somente ganha existência quando o leitor a cria na relação entre o que ele é, o que sabe, e o que o texto criado pelo outro está a oferecer” (Arena, 2010, p. 243). Nesta perspectiva, o professor

[...] ensina o ato de ler, isto é, o modo como o leitor em formação deve agir sobre o texto para, nesse processo, criar leitura. Dessa maneira, não seria possível ao professor ensinar a leitura, mas ensinar o aluno a ler, como ato cultural, para criar a sua própria leitura, nos limites de sua potencialidade, na sua relação com os diferentes gêneros e suportes textuais que possibilitam a formação crescente e permanente de modos de pensar cada vez mais abstratos (Arena, 2010, p. 243).

Com isso, o autor afirma que o ato de ler é uma ação cultural, plural, histórica e social, pois o ato de ler seria uma ação intencional do leitor. Assim, “[...] saber ler, entre tantas conceituações, seria aprender a fazer perguntas e a procurar as suas respostas no texto” (Arena, 2010, p. 245). Conforme palavras desse autor,

[...] as respostas provisoriamente encontradas podem trazer um estado de satisfação pelo fato de terem sido compreendidas, mas não trazem, necessariamente com elas, o estado de prazer tal como é entendido, porque, mesmo em Literatura, a leitura de um conto fantástico pode trazer ansiedade, medo, angústia, como uma notícia de jornal pode trazer alegria, tristeza, inquietação. O prazer não é o sentimento definidor de um bom leitor, nem é o guia para ensinar a ler. A direção, creio, está em criar necessidades geradoras de perguntas que exigem respostas: essa corrente é a formadora do leitor flexível e múltiplo dos tempos atuais (Arena, 2010, p. 245).

Em vista disso, o professor tem a função de ensinar e para isso precisa oferecer as melhores condições para que os estudantes tenham objetivos para ler, conhecer, mobilizar e, assim, elaborar perguntas. Dessa forma, a apropriação da escrita pelo leitor constitui um processo de humanização. Arena (2010, p. 243) afirma que “se escrever é entendido como ato de construir sentidos pelo discurso, o ato de ler também seria a ação de construir sentido”.

Cabe destacar que “[...] a linguagem escrita não se torna um meio de comunicação, mas um instrumento cultural mediador de trocas sociais, híbrido, composto por signos verbais e não verbais, que tem como fim a humanização e a formação da consciência” (Arena; Arena, 2024, p. 9). Para esses autores a alfabetização não é o fim a ser alcançado, pois as crianças “não se apropriam dos enunciados escritos compostos por signos esterilizados, mas por signos que incorporam a cultura histórica e social [...] em situações reais de vida” (Arena; Arena, 2024, p. 9).

Desse modo, apropriar-se da escrita é um processo complexo, indispensável para a aquisição da cultura humana pelas gerações. Com isso, a linguagem escrita precisa ser apresentada às crianças desde a tenra idade, de modo que envolva sua cultura e os enunciados produzidos nas interações e nas trocas entre as crianças e seus pares ou entre as crianças e os adultos. Sobre os desafios no processo de alfabetização, encontra-se a seguinte afirmação:

[...] seriam os atos de ler e os atos de escrever, construídos historicamente, encontrados e realizados somente quando o homem tem a intenção de se manifestar, de estabelecer diálogos com os outros por meio de um instrumento específico: os enunciados escritos. Como se ensina e se aprende um e outro é o desafio da educação, porque o que é apropriado e como é apropriado tem seus específicos impactos na constituição do sujeito (Arena; Bajard, 2015, p. 258).

Assim, a alfabetização não é o ponto de chegada, mas ela traz consigo a cultura e, contribui com a humanização das crianças por meio de enunciados e da diversidade de gêneros enunciativos. Visto que, “não há enunciado sem um gênero que acolha e não há um enunciado sem a substância da cultura e sem o tempero dos julgamentos e da apreciação humana” (Arena; Arena, 2024, p. 9). Cabe ressaltar que, o ensino da linguagem escrita precisa ser intencionalmente planejado pelo professor, de modo a considerar a cultura, as necessidades e experiências das crianças. Conforme Arena (2021, p. 75),

Uma alfabetização humanizadora não descuida do singular, da unidade. Mas é a unidade gráfica a que compõe a palavra no enunciado e não a sonora. O sentido registrado no enunciado escrito resulta de trocas entre a linguagem interior e a linguagem escrita. Não resulta de correspondências entre elementos materiais orais e gráficos, uma vez que o sentido não reside na palavra nem em seus fragmentos, mas na totalidade do enunciado. As unidades de sentido, imateriais, diferentemente das unidades materiais, não têm fronteiras definidas. São esses sentidos que desabrocham o potencial transformador de uma linguagem escrita e desempenham função humanizadora no desenvolvimento da essência humana.

Na próxima subseção, apresenta-se o Núcleo de Alfabetização Humanizadora e os boletins publicados no *site* deste Núcleo. Para tanto, realizou-se uma breve caracterização histórica do NAHum, a estrutura do *site* e dos boletins do Núcleo, a fim de discorrer sobre o ato de ler e o ato de escrever na perspectiva da Alfabetização Humanizadora.

## **O Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum): o que dizem os boletins acerca do ato de ler e do ato de escrever**

O Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum) constitui-se no ano de 2020, sob a coordenação dos professores Dagoberto Buim Arena e Elianeth Dias Kanthack Hernandez. Esse grupo é composto ainda por outras professoras, sendo elas: Stela Miller, Adriana Pastorello Buim Arena, Érika Christina Kohle, Fernanda Duarte Araújo Silva, Neire Márcia da Cunha, Suely Amaral Mello, Sônia de Oliveira Santos e Vanilda Gonçalves de Lima.

A constituição do NAHum decorre da preocupação desses educadores com relação ao processo de apropriação da linguagem escrita pelas crianças, visto que no ano de 2020 e nos anos seguintes, tem-se no Brasil um governo de extrema direita e com isso, a implementação da Política Nacional de Alfabetização (PNA) que possuía como essência o retrocesso ao uso do método fônico para alfabetizar. Nesse contexto, tem-se o ensino da linguagem escrita pela língua oral, por seus elementos fônicos e sua representação gráfica destituída dos sentidos da realidade, ou seja, a apropriação da leitura e da escrita pelas crianças se pauta no sistema alfabético e na fragmentação de palavras e frases a partir dos sons de fonemas e grafemas.

Arena, (2021c, p. 71) menciona que “em vez de inserir a linguagem escrita e os atos humanos a ela integrados como objeto de aprendizagem, a escola da simulação os substitui por um outro objeto: a língua oral ou fragmentos dela, como se aprender a escrever e a ler fossem atos de fala”. Desse modo, “o ensino de partículas sonoras para que as crianças elas tomem consciência como fundamentos da aprendizagem da escrita reproduz a lógica da divisão social do trabalho e do esvaziamento dos sentidos da vida (Arena, 2021c, p. 75).

Dessa forma, o coletivo de educadores do NAHum tem interesse por um lado, no avanço dos estudos sobre a alfabetização, que propiciem às crianças condições para a apropriação do ato de ler e do ato de escrever e assim, promover o seu desenvolvimento e de outro, viabilizam modos de resistência contra as políticas públicas que visam desumanizá-las.

O NAHum teve seu primeiro boletim *Alfabetização Humanizadora - Vez e voz às crianças* publicado no ano de 2020, nos meses de novembro e dezembro. Desse modo, os boletins passam a ser publicados bimestralmente, com o objetivo de divulgar reflexões teóricas e compartilhar práticas que não envolvam cartilhas ou manuais voltados à consciência fonológica, ao método fônico ou silábico em sua prática pedagógica.

Cada boletim é composto por quatro seções. A primeira seção se refere ao *Editorial*, que expressa o ponto de vista do grupo do NAHum sobre um determinado tema. A segunda seção recebe o nome de, *De professor para professor*, espaço onde ocorre a abordagem teórica acerca da temática apresentada no editorial, tem-se a finalidade de levar ao leitor momentos de reflexão sobre o tema abordado. Na terceira seção, *Eu faço assim*, conta com a divulgação de experiências de professores alfabetizadores conforme a proposta do NAHum. E a quarta seção, se trata do *Mural*, que apresenta uma variedade de informações adicionais ao leitor.

Figura 1 - Capa do boletim nº 1 *Alfabetização Humanizadora: vez e voz às crianças* publicado nos meses de novembro e dezembro de 2020



Fonte: Imagem capturada pelas autoras no *site* do NAHum.

Desde seu surgimento até os dias atuais, o Núcleo conta com a publicação de 25 boletins. Além disso, também dispõe de mais 3 boletins especiais (edição de homenagem). Assim sendo, o NAHum teve um total de 28 boletins publicados durante o ano de 2020 até 2024.

Tais boletins destacam pela proposta de romper com os modelos tradicionais de alfabetização, que introduzem a linguagem escrita para as crianças de maneira mecânica, a partir das cartilhas e manuais, ou seja, fragmentado e descolado dos enunciados compostos pelo cotidiano e pela necessidade da criança. Além disso, os boletins permitem apoio aos professores a ampliarem seus conhecimentos teóricos e práticos acerca dos princípios da Alfabetização Humanizadora. Nesse sentido, o NAHum apresenta os seguintes objetivos:

Ampliar as discussões teóricas e práticas sobre o processo de alfabetização no campo das ciências humanas e constituir um conjunto de conhecimentos, análises e reflexões sobre a temática, que possibilitem uma visão e um posicionamento críticos frente às concepções defendidas nos documentos oficiais e presentes em certas práticas escolares que focalizam a língua como sistema formal de representação a linguagem humana, e o de promover debates teóricos e disseminar práticas para a criação de um movimento composto por professores de diferentes instâncias educacionais, na defesa de uma **Alfabetização Humanizadora** (Miller, 2020, p. 1, grifos da autora).

O Núcleo compreende a Alfabetização Humanizadora a partir das contribuições teóricas de autores, como Volóchinov, Medvedev, Bakhtin, Vigotski, entre outros. Considera ainda que Alfabetização Humanizadora é “[...] parte de um processo humanizador de educação para todos, um processo que promove a transformação qualitativa da conduta dos alunos, tanto na escola como na vida [...]” (Miller, 2021, p. 2). Nas palavras dessa autora,

[...] **alfabetização humanizadora** é aquela que desenvolve na criança sua capacidade de ler e de escrever enunciados, de modo que, quando está diante de um enunciado escrito, é capaz de atribuir a ele um significado, objetivando com isso estabelecer uma compreensão sobre o conteúdo de sua leitura. E, da mesma forma, quando a criança deseja escrever algo para alguém, consegue elaborar um enunciado considerando o contexto da enunciação, o interlocutor e as propriedades do gênero enunciativo que foi objeto de sua escolha. Uma alfabetização que, em síntese, atua no processo de emancipação da criança como sujeito de sua própria atividade (Miller, 2021, p. 2, grifos nossos).

A seguir apresenta-se a estrutura do **site** do Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum)<sup>1</sup>. Dito isso, abaixo apresenta-se a imagem do **site** do NAHum.

Figura 2 - Página inicial do **site** do Núcleo Alfabetização Humanizadora (NAHum)



Fonte: Imagem capturada pelas autoras no **site** do NAHum.

Desse modo, quando o leitor acessa o **site** do Núcleo tem-se a página inicial com as primeiras informações sobre o NAHum. Nela consta 3 **links** com os seguintes dados com relação a **Quem somos**, as **Publicações** e o **Contato**.

No **link**, **Quem somos** tem-se informações sobre os fundadores do Núcleo, bem como os professores colaboradores. Para isso, apresenta-se um breve currículo de cada Fundador, bem como o **link** de acesso ao currículo **lattes** dos fundadores e colaboradores. Além disso, nessa aba encontram-se os objetivos propostos pelo NAHum.

<sup>1</sup> O site do Núcleo de Alfabetização Humanizadora está disponível em <https://nahum-lescrever.com.br/> Acesso em 14 jul. 2025.

No próximo *link*, **Boletim** dispõe de informações sobre os boletins publicados no *site*. Desse modo, consta o período de publicação dos boletins, o objetivo de divulgação, a estrutura dos boletins e o acesso ao boletim atual, bem como, aos boletins anteriores. Destaca-se a possibilidade de o leitor participar da publicação do boletim, pois o NAHum aceita para publicação artigos que versem sobre os princípios da Alfabetização Humanizadora.

Com relação, ao *link Publicações* têm-se informações com relação a Histórias - brasileiras, estrangeiras, orais e versões escritas -, Podcasts, Artigos acadêmicos, Vídeos, Notícias, Práticas pedagógicas, Vozes de casa, Tranças e trancinhas literárias. Dessa maneira, ao acessar este *link*, o leitor pode escolher o material de seu interesse ou compartilhar. Cabe destacar que neste *link*, o leitor também tem acesso a materiais diversos que permeiam os princípios da Alfabetização Humanizadora.

E por último, o *link Contato*, que possibilita ao leitor entrar em contato com a equipe do NAHum. Para isso, basta preencher um formulário com o nome, e-mail, assunto ou enviar um e-mail. É importante ressaltar que o leitor também pode acessar o Núcleo pela rede social<sup>2</sup>. Nesta página, encontram-se diversas publicações com relação a Alfabetização Humanizadora.

Com intuito de buscar respostas à questão-problema presente neste estudo, ou seja, como as produções publicadas pelo NAHum abordam o ato de ler e o ato de escrever? Passa-se a análise dos boletins. Dessa maneira, inicialmente realizou-se um levantamento dos boletins publicados no *site* do NAHum, a fim de organizar as informações encontradas, para posterior leitura e análise dos dados.

A *priori*, realizou-se a organização dos boletins em um quadro, conforme a numeração do boletim (mês de publicação), uma breve síntese do boletim e o QR Code do *site* que o boletim está disponibilizado para acesso. O quadro abaixo apresenta uma visão geral dos boletins por ordem cronológica, do mais antigo para o mais atual.

Quadro 1 - Levantamento dos boletins publicados no *site* do Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum), no período de 2020 até 2024

<b>Boletim Alfabetização Humanizadora: Vez e voz às crianças</b>	<b>Síntese do Boletim</b>	<b>QR Code do site</b>
Boletim n. 1 nov./ dez. 2020	Nesta edição que inaugura o Boletim você encontrará as matérias: Por que um Núcleo de Alfabetização Humanizadora? A hora e a vez das crianças humanizarem-se. Funções do espaço branco entre as palavras na construção dos enunciados escritos no processo de alfabetização.	
Boletim n. 2 jan./ fev. 2021	Este boletim apresenta: Por uma alfabetização humanizadora. Linguagem escrita: um artefato histórico e cultural. Escrevendo textos na alfabetização.	
Boletim n. 3 mar./ abr. 2021	O 3º Boletim aborda os seguintes temas: Por que adjetivar a alfabetização? O B com a não fica BA... Realmente! O uso do aplicativo WhatsApp na alfabetização.	
Boletim n. 4 mai./ jun. 2021	O 4º Boletim aborda os seguintes temas: Criança não é objeto, é vida humana! A alfabetização do faz de conta e A descoberta do texto escrito.	

2 Disponível em: <https://www.instagram.com/nucleodealfabetizacaonahum> Acesso em: 14 jul. 2025.

Boletim n. 5 jul./ ago 2021	O 5º Boletim aborda os seguintes temas: Por um ensino inserido na linguagem viva! A aprendizagem da escrita e os textos do cotidiano e A formação da criança autora de enunciados escritos.	
Boletim n. 6 set./ out. 2021	O 6º Boletim aborda os seguintes temas: Bendito aquele que provoca necessidade, ensinar a ler: aparência e essência e sonecas, murmúrios e lamentações.	
Boletim n. 7 nov./ dez. 2021	O 7º Boletim aborda os seguintes temas: Método fônico na educação infantil: bem vindos à Idade Média, por Suely Amaral Mello, Não à PNA... Não só na educação infantil, por Suely Amaral Mello e Atos de leitura na alfabetização: ler para brincar, por Márcia Martins Oliveira Abreu.	
Boletim Especial Edição de aniversário dez. 2021	O Boletim Especial de aniversário aborda os seguintes temas: Vida longa ao boletim do NAHum!, por Stela Miller; Alfabeto móvel: apogeu e agonia, por Dagoberto Buim Arena e Avaliação da pronúncia ou o ensino dos atos de ler?, por Adriana Pastorello Buim Arena.	
Boletim n. 8 jan./ fev. 2022	O 8º Boletim aborda os seguintes temas: Sentido no que fazemos, por Elianeth D. Kanthack Hernandes, Produção de sentidos e consciência: o que isso implica para o ler e o escrever?, por Cláudia Aparecida Valderramas Gomes e Um texto escrito em reunião de cooperativa Freinet, por Raquel Pereira Soares.	
Boletim n. 9 mar./ abr.2022	O 9º Boletim aborda os seguintes temas: Volta às aulas: mas para qual escola? por Adriana Pastorello Buim Arena, desafios da alfabetização na pandemia: desatando nós e alinhando possibilidades, por Fernanda Duarte Araújo Silva e como as crianças podem perceber distinções entre texto sonoro e texto escrito, por Adriana Pastorello Buim Arena.	
Boletim n. 10 mai./ jun. 2022	O 10º Boletim aborda os seguintes temas para reflexão: <i>Vez e voz às crianças. Por quê?</i> por Elianeth D. Kanthack Hernandes. <i>Não só de pão vive a criança: o poder dos livros na humanização da infância</i> , por Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto e <i>A leitura e a escrita de textos no livro da vida</i> , por Greice Ferreira da Silva	
Boletim n. 11 jul./ ago. 2022	O 11º Boletim aborda os seguintes temas: Políticas públicas de alfabetização, por Dagoberto Buim Arena, É possível saber como as crianças estão se apropriando da linguagem escrita?, por Edith Maria Batista Ferreira e A escrita de histórias na alfabetização, por Sônia de Oliveira Santos.	
Boletim n.12 set./ out. 2022	O 12º Boletim aborda os seguintes temas: Lições da ilha de São Luís, por Dagoberto Buim Arena, Abaixo o Ensino da cartilha!, por Joelma Reis Correia e A troca de cultura pela mediação dos textos da vida, por Kátia Regina Reis Correia.	

<p>Boletim Especial Edição Homenagem out. 2022</p>	<p>O Boletim Especial em homenagem a “Élie Bajard” aborda os seguintes temas: Élie Bajard: o homem, o pesquisador, o professor, por Adriana Pastorello Buim Arena; Quatro dias em Durfort, por Dagoberto Buim Arena; Aspectos do pensamento de Élie Bajard: os sistemas e os códigos, por Dagoberto Buim Arena; Bajard e Vigotski em diálogo, por Stela Miller; Pé de livro, por Eloisa Carvalho Teixeira e Sônia de Oliveira Santos; Sessão de mediação de leitura em salas de alfabetização, por Érika Christina Kohle e Vanilda Gonçalves de Lima; Uma experiência de descoberta do texto, por Érika Christina Kohle e Vanilda Gonçalves de Lima; A cerimônia do nome, por Silvana Paulina de Souza; Uso de dominós de caracteres na alfabetização, por Joice Ribeiro Machado.</p>	
<p>Boletim n. 13 nov./ dez. 2022</p>	<p>O 13º Boletim aborda os seguintes temas: Você ainda tem salvação?, por Adriana Pastorello Buim Arena, O reencontro com o livro ilustrado: entre enunciados escritos e visuais e a formação das crianças leitoras, por Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto e Alexandrita: sentidos e significados, por Neire Márcia da Cunha.</p>	
<p>Boletim n. 14 jan./ fev. 2023</p>	<p>O 14º Boletim aborda os seguintes temas: Não soltem as mãos, se os pés não estiverem firmes!, por Adriana Pastorello Buim Arena; Livros didáticos ou literários para a Educação Infantil?, por Fernanda Duarte Araújo Silva; Escrita: instrumento para a construção e execução de projetos, por Ana Laura Ribeiro da Silva.</p>	
<p>Boletim n.15 mar./ abr. 2023</p>	<p>O 15º boletim aborda os seguintes temas: <i>As crianças precisam aprender as letras primeiros para depois aprender a ler um texto?</i> por Adriana Pastorello Buim Arena. <i>Atos de ler, atos de ver, atos de refletir</i>, por Dagoberto Buim Arena. <i>Aprender a ler além dos muros da escola</i>, por Edgard Rodrigues Silva Abtibol.</p>	
<p>Boletim n. 16 mai./ jun. 2023</p>	<p>O 16º boletim aborda os seguintes temas: Oralidade e escrita na arena, por Dagoberto Buim Arena. Não se escreve como se fala, nem tampouco se fala e se escreve sempre da mesma maneira, por Adriana Pastorello Buim Arena. O enunciado irrepitível na linguagem falada, por Bianca de Sousa Cardoso, Lívia Vasconcelos Melo e Patrícia Fernanda Rodrigues Manuel.</p>	
<p>Boletim n. 17 jul./ ago. 2023</p>	<p>O 17º boletim aborda os seguintes temas: Aprender a escrever enunciados no movimento e nos eventos da vida, por Dagoberto Buim Arena. A função da linguagem escrita no processo de ensino-aprendizagem: é possível isso?, por Stela Miller. Apropriação da cultura escrita em espaços e tempos de brincar, por Alessandra de Freitas Silva.</p>	

Boletim n. 18 set./ out. 2023	O 18º boletim aborda os seguintes temas: <i>Alfabetizar criança pequena?</i> por Neire Márcia da Cunha. <i>Alfabetizar ou não na educação infantil, eis a questão</i> , por Fernanda Duarte Araújo Silva, <i>Biblioteca escolar: vivências de bebês e crianças da educação infantil</i> , por Jozaene Maximiano Figueira Alves Faria.	
Boletim n. 19 nov./ dez. 2023	O 19º boletim aborda os seguintes temas: <i>Pão, educação e igualdade!</i> por Adriana Pastorello Buim Arena; <i>O uso do computador nas aulas de alfabetização ajuda ou atrapalha?</i> por Sônia de Oliveira Santos; <i>Criação de histórias em quadrinhos na alfabetização</i> , por Sônia de Oliveira Santos.	
Boletim Especial Edição de Homenagem dez. 2023	O Boletim Especial em homenagem a <i>Célestin Freinet</i> aborda os seguintes temas: <i>Por que uma edição especial dedicada a Freinet?</i> , por Dagoberto Buim Arena; <i>Élise e Célestin Freinet: um casal militante em defesa de uma pedagogia humanizadora</i> , por Adriana Pastorello Buim Arena; <i>Vygotsky e Freinet em diálogo</i> , por Suely Amaral Mello; <i>Pedagogia Freinet em movimento: concepções, convicções e ações</i> , por Adriana Pastorello Buim Arena; <i>A organização do espaço da sala de aula em ateliês de trabalho</i> , por Ana Flávia Valente Buscariolo; <i>A necessidade da criança, o plano individual de trabalho e as escolhas dos ateliês</i> , por Pollyanna Garcia Geraldo Fecchi; <i>É preciso formar agora o cidadão de amanhã!</i> , por Cinthia Vieira Brum Lima; <i>Aula-passeio: descobertas e alegrias</i> , por Suellen Aparecida de Carvalho Rela; <i>Correspondência: os “Brasis” das crianças em cartões postais</i> , por Eliete Rachel Bulhões Dias Bertoni; <i>Correspondência interescolar na educação infantil: troca de cartas, troca de conhecimento</i> , por Isabela Ramalho Orlando.	
Boletim n. 20 jan./ fev. 2024	O 20º boletim aborda os seguintes temas: <i>Chão da escola nem sempre está fértil</i> , por Adriana Pastorello Buim Arena; <i>Ensino dos atos de ler: deslizos entre intenções e ações metodológicas</i> , por Dagoberto Buim Arena; <i>O uso dos caracteres no processo de aprendizagem da linguagem escrita</i> , por Geane Maria Souza de Omena Tenório.	
Boletim n. 21 mar./ abr. 2024	O 21º boletim aborda os seguintes temas: <i>Atos de ler humanizadores para crianças</i> , por Érika Christina Kohle; <i>Os sentidos no foco do ato de ler</i> , por Érika Christina Kohle e Vanilda Gonçalves de Lima e <i>A “descoberta de texto” de Élie Bajard</i> por Liene Keite de Lira da Mata.	

Boletim n. 22 mai./ jun. 2024	O 22º boletim aborda os seguintes temas: <i>Para evitar o cadafalso</i> , por Adriana Pastorello Buim Arena; <i>O ensino do ler e escrever não se resolve com uma técnica, mas com um modo de praticar a educação escolar</i> , por Suely Amaral Mello; <i>Vivências na infância: aprendendo com os dinossauros</i> , por Marilei Aparecida Machado Klein.	
Boletim n. 23 jul./ ago. 2024	O 23º boletim aborda os seguintes temas: Basta! Não às plataformas digitais oficiais, por Vanilda Gonçalves de Lima; Práticas pedagógicas humanizadoras: ensino e aprendizagem de atos de escrever não-alienados, por Érika Christina Kohle e Vanilda Gonçalves de Lima; Como alfabetizar crianças e adolescentes do 4º ao 7º ano do ensino fundamental? por Érika Christina Kohle.	
Boletim n. 24 set./ out. 2024	O 24º boletim aborda os seguintes temas: O combate ao empobrecimento do sistema escolar começa com o enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem da linguagem, por Stela Miller; Os gêneros de enunciado em sala de aula, por Stela Miller; Memórias literárias, por Eliane Aparecida da Silva de Achiles.	
Boletim n. 25 nov./ dez. 2024	O 25º boletim aborda os seguintes temas: Práticas e princípios teóricos em ebulição, por Dagoberto Buim Arena; Função simbólica: a unidade entre materialidade e significação, por Selma Aparecida Ferreira da Costa; Cada um mora na sua casa! por Genice Valcarenki Soares dos Santos.	

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados do *site* do NAHum.

Após essa organização, a *posteriori*, dedicou-se à leitura e à análise dos boletins com relação aos princípios do ato de ler e do ato de escrever na perspectiva da Alfabetização Humanizadora. Desse modo, essa análise teve como foco a sessão *De professor para professor*, que apresenta a abordagem teórica sobre os princípios da Alfabetização Humanizadora. Com isso, busca-se alcançar possíveis respostas a seguinte problemática: como as produções publicadas pelo NAHum abordam o ato de ler e o ato de escrever? Para tanto, destaca-se, a seguir, alguns boletins que apresentam pontos importantes para compreensão do ato de ler e do ato de escrever na perspectiva da Alfabetização Humanizadora.

Nesse sentido, observa-se que o boletim inaugural publicado nos meses de novembro e dezembro de 2020, conta com o texto *A hora e a vez de as crianças humanizarem-se*, de Stela Miller. Esta autora destaca que nos humanizamos à medida que nos educamos e aponta que o objeto de ensino e de aprendizagem na escola, seja para a leitura ou para a escrita, é o enunciado. Nas palavras dessa autora,

É pelos enunciados, concretizados nos diferentes gêneros discursivos, que interagimos com os outros sujeitos, trocando ideias, informações, sentimentos, percepções, enfim estabelecendo relações vitais próprias da dinâmica das ações sociais que permeiam nossa existência (Miller, 2020, p. 2).

Torna-se fundamental que as crianças desde a Educação Infantil tenham acesso a leituras literárias, músicas, poemas, brincadeiras e tudo que envolva as produções culturais materializadas em diferentes gêneros enunciativos apropriados aos interesses e necessidades das crianças.

Para Miller (2020) o processo de alfabetização precisa levar em consideração um duplo movimento. O primeiro se refere a leitura, que se desenvolve a partir da compreensão dos signos expressos pelo enunciado, ou seja, constitui-se do diálogo entre o “sujeito que o escreveu e o leitor que o recebe e a ele responde ativamente compreendendo sua mensagem e seus propósitos e não no reconhecimento e decodificação de sinais formais restritos ao domínio do sistema da língua” (Miller, 2020, p. 3). O segundo movimento se trata da produção escrita, visto que “o trabalho com enunciados implica a produção de sentido para o outro e um leitor a quem se destina o produto que daí decorre e, com isso, conduz o aluno a entrar no circuito dialógico [...]” (Miller, 2020, p. 3).

No boletim 2, Arena (2021a) discute algumas indagações provenientes do processo de alfabetização. Com isso, destaca que

[...] a alfabetização cuida da humanização da criança em formação, pelo estudo e a apropriação da constituição gráfico-ideológica dos enunciados e do desenvolvimento de uma consciência gráfica, isto é um modo de pensar que percebe funções dos caracteres, tão diversos quanto sejam as exigências das trocas, na criação e recriação de sentidos (Arena, 2021a, p. 2).

No mesmo sentido, o autor aponta que são os caracteres “construtores dos enunciados ideológicos, com sentidos múltiplos, elaborados de modo partilhado nas trocas entre os homens, entre professores e crianças em sala de aula” (Arena, 2021a, p. 3). Outro destaque do autor é com relação ao que seria prioritário no ato de ensinar o ato de ler e do ato de escrever. Nesse sentido considera que “[...] é pela apropriação dos atos de ler e de escrever que a criança vai compreender as funções da linguagem escrita e o modo de operar por ela” (Arena, 2021a, p. 3). Por isso, menciona que o caminho seja oferecer a criança, desde o início da escolarização e de sua vida, enunciados significativos da linguagem escrita. Nesta perspectiva, Bakhtin (2016, p. 11) afirma que “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”.

No boletim 5, Hernandez (2021, p. 2) defende que a “linguagem escrita se vincula à linguagem oral pelos sentidos compartilhados entre os sujeitos sociais em situações dialógicas e não por elementos técnicos, que pressuporiam a capacidade de transformar letras em sons ou vice-versa”. Desse modo, a autora menciona que a linguagem escrita não pode ser ensinada de maneira isolada das ações humanas, mas pelos enunciados gráficos, produto de relações humanas. Assim, conforme essa autora

Ao assumirmos que a linguagem escrita e a leitura não têm como base os aspectos sonoros, mas sim os gráficos, a presença de material nas salas de aula com vista ao oferecimento de atos de escrita e de leitura não pode ter como base a sonorização. [...] A linguagem escrita, na forma de enunciados precisa ser oferecida aos alunos durante o ensino e a aprendizagem dos atos de ler e de escrever presentes nos diferentes gêneros textuais, porque ler e escrever são atos dialógicos que ocorrem entre sujeitos históricos e que, por isso mesmo, são fundamentais no processo de humanização dos homens (Hernandez, 2021, p. 3).

Diante disso, cabe destacar a relevância de oferecer às crianças materiais pautados em diversos suportes de escrita, tais como revistas, jornais, livros, mensagens eletrônicas e outros que possibilitem a interação com variados textos escritos.

No boletim 5, Kohle (2021, p. 3) considera o “ato de escrever como construção de enunciados preme de sentido por meio do estabelecimento de relações dialógicas”. Com isso, destaca-se o papel do professor em ensinar a criança a escrever por atos reais de escrita, enfatizando o modo como

a linguagem se materializa no cotidiano das pessoas. Assim, “a criança desenvolve a compreensão de como os textos são criados tanto no plano de seus conteúdos quanto no plano de suas formas” (Kohle, 2021, p. 3).

No entanto, conforme Arena (2021) no boletim 6, o que se observa no cotidiano escolar é o distanciamento no ensino do ato de ler os gêneros dos enunciados e as intenções do professor, a escolha do objeto a ser ensinado e as avaliações de desempenho dos estudantes (Arena, 2021b). Com isso, “[...] a escola desde a educação infantil, ensina a criança a olhar uma letra, somá-la a uma outra para poder formar algo pronunciável, a sílaba oral e dela extrair sons que ali estariam aprisionados” (Arena, 2021, p. 2).

Em contrapartida a esse contexto, um bom leitor seria “uma criança, um adolescente, um jovem ou adulto que olha os enunciados escritos com a intenção de pensar, de formular perguntas para encontrar respostas a essas perguntas e também para dialogar, pela escrita, com quem escreveu os enunciados lidos” (Arena, 2021b, p. 2). Corroborando com essa ideia, Mello (2021, p. 3) no boletim 7 argumenta que “para formar leitores e autores de seus textos, a escrita precisa ser apresentada às crianças como um instrumento cultural autêntico”. Com isso, a autora sustenta que a necessidade e o desejo de ler e de escrever precisam se apoiar nas funções psicológicas complexas que se formam por meio do brincar de faz de conta.

A função simbólica da consciência, o autocontrole da conduta, a visão antecipada dos fins da atividade constituem bases para a apropriação da escrita e resultam todas de um longo processo que começa no gesto, envolve a fala, o desenho, o brincar de faz de conta, antes de chegar à escrita, numa longa história em que a criança vai constituindo para si a ideia de signo, sem a qual não há apropriação efetiva do ler e escrever (Mello, 2021, p. 3).

Além disso, Arena (2023) no boletim 15 apresenta os conceitos vigotskianos de apropriação e objetivação. Com isso, afirma que “para escrever, isto é, para objetivar, as crianças têm, necessariamente, de se apropriar da linguagem escrita social e historicamente criada pelas gerações anteriores” (Arena, 2023, p. 2). Assim, o aprendizado da linguagem escrita envolve a apropriação desses dois atos humanos complexos: ler e escrever. Para Arena (2023, p. 2),

O ato de aprender a ler é um ato de aprender lidar com os sentidos na linguagem interior. Diante de um texto, exposto aos olhos, a vê e pensa. Não pronuncia. É no silêncio, condição necessária para o ato, que ela tem as melhores condições ambientais para começar a compreender o que é verdadeiramente ler.

Diante disso, a criança aprende a mobilizar tudo o que sabe para trocar, pois “saber ler é saber trocar sentidos” (Arena, 2023, p. 3). Ressalta-se que o ato de ler são atos, na essência, múltiplos que encontram lugar na multiplicidade de gêneros e suportes.

Com relação às dimensões do enunciado a ser descoberto, Kohle e Lima (2024) no boletim 21 apresentam recomendações que possam favorecer o trabalho com a linguagem escrita. Com isso, as autoras destacam a importância de o docente pensar em algo instigante para as crianças, ou seja, algo que elas ainda desconhecem, mas que tenham palavras que já conhecem os sentidos. Assim, as autoras apontam que “é preciso uma escolha cuidadosa dos enunciados, porque necessário se faz considerar os conhecimentos da turma. Certamente, a escolha do gênero do enunciado deve contemplar os interesses das crianças e os objetivos da professora” (Kohle; Lima, 2024, p. 3).

Diante disso, o modo como o enunciado é apresentado se torna relevante, pois compreende a revelação de algo enigmático. Outro destaque realizado é com relação a existência dos espaços entre as palavras. Assim, “o uso dos caracteres em dupla caixa, maiúscula e minúsculas, torna-se facilitador da compreensão, porque com a dupla caixa, é perceptível o uso dos nomes próprios e comuns e o início de um período” (Kohle; Lima, 2024, p. 3). Essas concepções derivam dos estudos da obra *A descoberta da língua escrita*, de Élie Bajard.

No boletim 22, Mello (2024) enfatiza que ensinar a ler e a escrever na perspectiva da Alfabetização Humanizadora é um compromisso de cada um de nós, professores e professoras. Nesse sentido, a autora considera que a atitude docente de conceber as crianças como capazes e assim, cultivar uma atitude de escuta e de acolhimento de interesse e necessidades de aprender das crianças, ou seja, compreendê-las como sujeitos ativos no processo de aprender tem relevância no processo de apropriação do ato de ler e de escrever.

Kohle e Lima (2024) no boletim 23, destacam a importância de oferecer autonomia de escolha dos gêneros enunciativos para as crianças, pois pode promover o desbloqueio do sentimento de incapacidade que caracteriza os estudantes no início do processo de aquisição dos atos de escrever, visto que essa estratégia permite criar motivos para realizarem tal ato. Além disso, as autoras enfatizam a aprendizagem no ambiente digital. Nas palavras dessas autoras,

O ensino e a aprendizagem de atos de escrever por meio de criações autorais em dispositivos como computador de mesa, notebook, o tablete e o smartphone têm significado especial para as crianças e para os adolescentes, porque além de eles aprenderem a elaborar atos inseridos na corrente de trocas sociais verbais, é possível proporcionar a eles um novo ambiente de aprendizagem - o ambiente digital/virtual (Kohle; Lima, 2024, p. 2).

Segundo essas autoras ainda se tem a possibilidade de transformar os atos de ler e de escrever, uma vez que as crianças têm sua atenção para a estrutura da escrita e para os aspectos gráficos não percebidos em outro suporte de enunciado. Desse modo, “os aparelhos digitais tornaram-se recursos que ajudam na trajetória dos atos de escrita dos sujeitos, [...] por disporem em seus teclados todos os caracteres, como letras, sinais gráficos e espaço em branco” (Kohle; Lima, 2024, p. 3).

Diante do exposto, entende-se que os princípios do ato de ler e do ato de escrever recorre a linguagem escrita, ao enunciado vivo e a utilização dos caracteres, visto que estes são mais amplos e abrigam as letras, letras acentuadas, pontos, espaços e outros. A seguir apresenta-se uma breve considerações.

## **Algumas considerações**

Este trabalho teve o propósito de analisar os princípios do Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum) e ainda discutir possíveis contribuições dos boletins publicados por este Núcleo, para o ensino do ato de ler e do ato de escrever, enquanto atos culturais, históricos e sociais vinculados à vida. Para isso, realizou-se uma contextualização histórica do NAHum, no sentido de caracterizar quem são os fundadores e por que da criação de um Núcleo de Alfabetização Humanizadora. Além disso, propôs-se realizar um levantamento, organização, leitura e análise dos boletins publicados no *site* do NAHum no período temporal de 2020 até 2024.

Evidencia-se a relevância dos boletins publicados pelo NAHum para os professores, pesquisadores e estudiosos no tocante às teorias e práticas voltadas ao trabalho com a alfabetização, bem como destaca-se suas contribuições para a democratização do conhecimento e a formação humana. Com isso, reitera-se que os boletins analisados fazem menção ao ato de ler e o ato de escrever, enquanto possibilidade de acesso à linguagem escrita, aos enunciados vivos de sentidos em que as crianças percebam as suas necessidades e assim, se apropriem dos gêneros enunciativos.

Considera-se que os boletins do NAHum apresentam e discutem importantes contribuições para ampliar as reflexões teóricas e demonstrações práticas envolvendo a Alfabetização Humanizadora. Evidencia-se, assim, que essa alfabetização atua “[...] no processo de emancipação da criança como sujeito de sua própria atividade” (Miller, 2021, p. 2). Para tanto, é pela apropriação dos atos de ler e dos atos de escrever que as crianças compreendem a linguagem escrita e como utilizá-la.

Por fim, os boletins analisados destacam que os enunciados escritos precisam fazer parte do seu cotidiano das crianças, tanto nos momentos de leitura quanto, nos momentos de escrita. Além disso, o professor tem papel crucial na escuta atenta às necessidades de aprendizagem das crianças, entendendo que estas são sujeitos ativos no processo de aprendizagem.

## Referências

- ARENA, Dagoberto Buim. ARENA, Adriana Pastorello Buim. *Alfabetização Humanizadora: princípios e funções de caracteres*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/alfabetizacao-humanizadora-principios-e-funcoes-de-caracteres/> Acesso em: 20 dez. 2024.
- ARENA, Dagoberto Buim. O ensino da ação de ler e suas contradições. *Ensino Em-Revista*, Uberlândia, v. 17, n. 1, p. 237 - 247, jan./jun. 2010.
- ARENA, Dagoberto Buim. Linguagem escrita: um artefato histórico e cultural. In.: *Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum)*, Boletim n.2, jan./fev. 2021a. Disponível em: [https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2021/04/PERIODICO\\_JAN\\_FEV\\_21.pdf](https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2021/04/PERIODICO_JAN_FEV_21.pdf) Acesso em: 20 dez. 2024.
- ARENA, Dagoberto Buim. Ensinar a ler: aparência e essência. In: *Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum)*, Boletim n.6, set./out. 2021b. Disponível em: [https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2021/09/PERIODICO\\_SET\\_OUT.pdf](https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2021/09/PERIODICO_SET_OUT.pdf) Acesso em: 20 dez. 2024.
- ARENA, Dagoberto Buim. Por uma alfabetização à margem esquerda: para abandonar o *tripalium* e abraçar a *poiésis*. *Revista Brasileira de Alfabetização*, n. 14, 2021c, 62-76. Disponível em: <https://doi.org/10.47249/rba2021528> Acesso em: 20 dez. 2024.
- ARENA, Dagoberto Buim. Atos e ler, atos de ver, atos de refletir. In: Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum), Boletim n. 15, mar./abr. 2023. Disponível em: [https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2023/03/PERIODICO\\_MAR\\_ABR\\_23.pdf](https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2023/03/PERIODICO_MAR_ABR_23.pdf) Acesso em: 20 dez. 2024.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAJARD, Élie. *A descoberta da língua escrita*. São Paulo: Cortez, 2012.
- BAJARD, Élie. *Caminhos da escrita: espaços de aprendizagem*. São Paulo: Cortez, 2014.
- BAJARD, Élie.; ARENA, Dagoberto Buim. Metodologias de ensino: por uma aprendizagem do ato de ler e do ato de escrever em um sistema tipográfico. In: DAVID, Célia Maria, *et al.* Desafios contemporâneos da educação [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.
- BAJARD, Élie. *Eles leem, mas não compreendem: onde está o equívoco?* São Paulo: Cortez, 2021.
- BARROS, Manoel de. *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Alfabuara, 2022.

GIL, Antonio C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

HERNANDES, Elianeth Dias Kanthack. O B com A não fica BA... realmente! In.: *Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum)*, Boletim n.3, mar./abr. 2021. Disponível em: [https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2021/03/PERIODICO\\_MAR\\_ABR\\_21-2-3.pdf](https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2021/03/PERIODICO_MAR_ABR_21-2-3.pdf) Acesso em: 20 dez. 2024.

KOHLE, Érika Christina. A aprendizagem da escrita e os textos do cotidiano. In.: *Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum)*, Boletim n.5, jul./ago. 2021. Disponível em: [https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2021/07/PERIODICO\\_JUL\\_AGO-1.pdf](https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2021/07/PERIODICO_JUL_AGO-1.pdf) Acesso em: 20 dez. 2024.

KOHLE, Érika Christina; LIMA, Vanilda Gonçalves de. Os sentidos no foco do ato de ler. In.: *Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum)*, Boletim n.21, mar./abr. 2024. Disponível em: [https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2024/03/PERIODICO\\_MAR\\_ABR.pdf](https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2024/03/PERIODICO_MAR_ABR.pdf) Acesso em: 20 dez. 2024.

KOHLE, Érika Christina; LIMA, Vanilda Gonçalves de. Práticas pedagógicas humanizadoras: ensino e aprendizagem de atos de escrever não alienados. In.: *Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum)*, Boletim n.23, jul./ago. 2024. Disponível em: [https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2024/06/PERIODICO\\_JUL\\_AGO.pdf](https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2024/06/PERIODICO_JUL_AGO.pdf) Acesso em: 20 dez. 2024.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2003.

MELLO, Suely Amaral. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. *Perspectiva*, 25(1), 83–104, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/%x> Acesso em: 20 dez. 2024.

MELLO, Suely Amaral. Não à PNA... não só na Educação Infantil. In.: *Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum)*, Boletim n.7, nov./dez. 2021. Disponível em: [https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2023/02/Corrigido\\_PERIODICO\\_NOV\\_DEZ.pdf](https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2023/02/Corrigido_PERIODICO_NOV_DEZ.pdf) Acesso em: 20 dez. 2024.

MELLO, Suely Amaral. O ensino do ler e escrever não se resolve com uma técnica, mas com um modo de praticar a educação escolar. In.: *Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum)*, Boletim n.22, mai./jun. 2024. Disponível em: [https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2024/05/PERIODICO\\_MAI\\_JUN-1.pdf](https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2024/05/PERIODICO_MAI_JUN-1.pdf) Acesso em: 20 dez. 2024.

MILLER, Stela. A hora e a vez de as crianças humanizarem-se. In.: *Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum)*, Boletim n.1, nov./dez. 2020. Disponível em: <https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2021/01/1a-Edicao-do-Boletim-Alfabetizacao-Humanizadora.pdf> Acesso em: 20 dez. 2024.

MILLER, Stela. Vida longa ao boletim do NAHum!. In.: *Núcleo de Alfabetização Humanizadora (NAHum)*, Boletim especial, dez. 2021. Disponível em: [https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2022/07/PERIODICO\\_COMEMORATIVO\\_21.pdf](https://nahum-lescrever.com.br/wp-content/uploads/2022/07/PERIODICO_COMEMORATIVO_21.pdf) Acesso em: 20 dez. 2024.

ROMANOWSKI, Joana P. ENS, Romilda T. As pesquisas denominadas do tipo estado da arte em educação. *Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez. 2006.

Recebido em: 29/07/2025

Aceito em: 14/08/2025